



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1338

## AS CARICATURAS DE ÂNGELO AGOSTINI NA HISTORIOGRAFIA

Danilo A. Champan Rocha  
Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr<sup>a</sup> Sandra Pelegrini  
Universidade Estadual de Maringá

Ângelo Agostini (1843-1910), natural de Piemonte, foi um reconhecido caricaturista que abraçou a causa abolicionista no Brasil Império. Em 1859, vindo de Paris, desembarcou no Rio de Janeiro, onde exerceu diversas atividades, sem nenhuma relação com a imprensa. Apenas em 1864, Agostini iniciou sua carreira na imprensa ilustrada ao contribuir com seus desenhos para o jornal *Diabo Coxo*, semanário humorístico e contrário ao regime político vigente, fundado na província de São Paulo. Em 1867, com a interrupção da produção da revista *Cabrião*, também ilustrada pelo caricaturista, Agostini retornou a corte do Império. No auge de sua carreira, no Rio de Janeiro, o piemontês trabalhou em vários periódicos e na *Revista Ilustrada*, onde era proprietário, fundador e principal caricaturista. Nas últimas décadas, os trabalhos de Ângelo Agostini receberam destaque nas produções historiográficas, com um número crescente de dissertações e teses sobre o artista. Diante deste quadro, o presente trabalho tem como objetivo analisar os trabalhos produzidos sobre a temática e, a partir de um método comparativo, estabelecer as diferenças e as convergências interpretativas entre os autores. Com isso, buscamos discutir as diferentes abordagens utilizadas na análise do objeto de estudo e os referenciais teóricos de cada pesquisador.

**Palavras-chave:** Brasil Império; Historiografia; Ângelo Agostini.

## INTRODUÇÃO

Em 1859, Ângelo Agostini (1843-1910) chegou à cidade do Rio de Janeiro, lugar onde angariaria posteriormente grande reconhecimento em razão de seus trabalhos realizados na imprensa ilustrada. Considerado por seus pares como um dos principais caricaturistas do Brasil Império, sobretudo, após a fundação da *Revista Illustrada* (1876-1888) na Corte, Agostini atingiu notoriedade por meio de suas críticas contra a escravidão e aos desmandos de uma elite política, expressas por meio de seus desenhos.

Pouca coisa é conhecida sobre Agostini antes de sua viagem para o Brasil, constituindo uma lacuna na vida do autor. Até o momento, os estudos feitos sobre o artista destacaram a passagem por Paris no período de sua adolescência, momento na qual teve os primeiros contatos com a pintura e o desenho. Natural de Piemonte, região norte da Itália, Agostini mudou-se para a França após a morte de seu pai, Antônio Agostini, indo morar com a sua avó. Não se sabe exatamente o motivo da viagem para o Brasil, porém, a informação consolidada no meio acadêmico é a de que Agostini, aos 17 anos de idade, aportou no Rio de Janeiro, junto com sua mãe, a cantora lírica Raquel Agostini, acompanhado do jornalista Antônio Pedro Marques de Almeida, seu padrasto<sup>1</sup>.

Ao contrário do que Monteiro Lobato acreditou, Agostini não desembarcou no Brasil com uma pedra litográfica a tiracolo<sup>2</sup>. Durante sua curta estadia no Rio de Janeiro, Marcelo Baladan aponta que o piemontês trabalhou como capataz nas obras da ferrovia Mauá<sup>3</sup>. Poucos meses após, Agostini mudou-se para São Paulo, onde assumiu a profissão de pintor-retratista, aprimorando aos poucos o seu traço artístico com os retratos a óleo. Ainda segundo o autor, esta fase em que Agostini trabalhou em uma oficina fotográfica, foi importante para que ele adquirisse noções básicas para reproduzir ambientes, expressões faciais e poses, contribuindo para a sua formação como caricaturista e na sua inserção na imprensa ilustrada. Agostini

---

<sup>1</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. **A crítica de arte de Angelo Agostini e a cultura figurativa do final do segundo reinado**. Dissertação Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 2005.

<sup>2</sup> LOBATO, Monteiro. **A caricatura no Brasil**. In: Ideias de Jeca Tatú. 4ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951.

<sup>3</sup> BALADAN, Marcelo. **Poeta do Lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888**. Tese Doutorado. São Paulo: UNICAMP, 2005.

mantêm a profissão de retratista mesmo com a fundação do jornal domingueiro *Diabo Coxo* (1864-1865).

O *Diabo Coxo*, editado por Luiz Gama e ilustrado por Angelo Agostini, também contou com a colaboração de Nicolau Huascar de Vergara na elaboração de suas caricaturas. Jornal domingueiro, suas folha humorística incorporou diversos temas, além de discutir os principais assuntos políticos da semana. Matérias como a moda, a arte, os costumes e o cotidiano, até então desprezados pela imprensa local, foram discutidos pelo hebdomadário de forma satírica como uma crítica para aquilo em que os redatores consideravam os vícios da sociedade.

A fundação do *Diabo Coxo* (1864-65) e, posteriormente, do *Cabrião* (1866-67) significou um marco para a imprensa paulista. A incorporação de ilustrações e de caricaturas inovou a forma de fazer imprensa na província. Na primeira metade do século XIX, a circulação dos periódicos era momentânea e efêmera, composta restritamente por signos textuais. Na década de 1840, a imprensa artesanal e rudimentar foi aprimorada e suas melhorias técnicas possibilitou a impressão simultânea de imagem e de texto escrito. Iniciava-se a fase das revistas ilustradas no Brasil.

O *Diabo Coxo* e o *Cabrião* adotaram uma posição política de crítica à ordem social vigente e em suas edições satirizou as personalidades regionais da época pertencentes à base do governo monárquico. A inserção de conteúdos que denunciavam as práticas abusivas de senhores locais, a crítica ao governo após as medidas excessivas usadas no recrutamento para a Guerra do Paraguai, a sátira dos costumes e hábitos observados no retrato do dia-a-dia da provinciana cidade paulista, além de outros aspectos, foram um dos principais fatores responsáveis pela crise financeira dos hebdomadários e da consequente interrupção de sua circulação. Com o fim do *Cabrião* em 1867, Agostini retornou para o Rio de Janeiro, onde consolidaria a sua carreira artística na imprensa.

Na corte, no mesmo ano, participou nas ilustrações do jornal *O Arlequim* (1867). Logo em seguida, *O Arlequim* foi interrompido e substituído pelo periódico *A Vida Fluminense* (1868-1875) e Agostini não apenas ficou responsável pelos desenhos, mas também integrou a sociedade da empresa. Em 1871, o caricaturista deixou a redação da *A Vida Fluminense* e trabalhou nas ilustrações do jornal *O Mosquito* (1869-1877), permanecendo até 1875. No ano seguinte, Agostini fundou a

*Revista Illustrada* (1876-1894), principal obra do artista. Durante sua participação nas ilustrações da revista, Agostini alcançou grande prestígio social e as suas caricaturas foram reconhecidas nacionalmente, considerada por Nabuco como “a bíblia abolicionista do povo que não sabe ler”. Em 1888, Agostini deixou a redação da *Revista* e em seu retorno no período republicano, nunca mais experimentou o sucesso vivenciado na antiga Corte. Na República, trabalhou no *Don Quixote* (1895-1903) e no *O Malho* (1902-?), falecendo de forma quase anônima em 1910.

Dessa forma, nas últimas décadas, os trabalhos de Ângelo Agostini receberam destaque nas produções historiográficas, com um número crescente de dissertações e teses sobre o artista. Diante deste quadro, o presente trabalho tem como objetivo analisar os trabalhos produzidos sobre a temática e, a partir de um método comparativo, estabelecer as diferenças e as convergências interpretativas entre os autores. Com isso, buscamos discutir as diferentes abordagens utilizadas na análise do objeto de estudo e os referenciais teóricos de cada pesquisador.

## **A HISTORIOGRAFIA EM PAUTA**

As discussões sobre a obra de Angelo Agostini no decorrer de sua carreira na imprensa brasileira está cada vez mais em pauta nos estudos de História nas duas últimas décadas. Importantes teses como a de Marcelo Baladan, Gilberto Oliveira e Brás Ciro Gallotta elucidaram muitas das questões sobre a vida do artista.

Baladan, um dos principais pesquisadores sobre a temática, elaborou uma biografia sobre o caricaturista entre 1859 e 1888, período vivido por Agostini no Brasil. Após a abolição da escravatura, o artista retornou para a França, sob o pretexto de atualizar o seu traço com as novas técnicas desenvolvidas no Velho Mundo. No entanto, segundo o relato de Mariana Agostini, neta do artista, o envolvimento extraconjugal do caricaturista com sua aluna de pintura Abigail de Andrade e a ameaça de represaria por parte da família da amante foi a verdadeira causa para as “férias merecidas” na Europa<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, Marcus Tadeu. **Revista Illustrada – síntese de uma época**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

Outro objetivo da tese foi compreender o processo de construção da memória sobre Agostini e a formação de um mito sobre a carreira profissional do artista em determinados contextos históricos. A exaltação da postura abolicionista e “iluminada” de Agostini no ano de sua morte, em 1910, tinham como finalidade esquecer o passado escravista do Império e construir uma memória coletiva associada a ação de uma elite branca e letrada para o surgimento da nova sociedade republicana “civilizada”. Os discursos construídos refletiam os interesses políticos da República Velha.

Em 1943, novamente a imprensa saudou Agostini, ano comemorativo do centenário de seu nascimento. As homenagens destacaram a figura do “herói” na luta pela abolição, com sua postura política acima de interesses pessoais, martírio sofrido para conceder a emancipação aos cativos. Todos esses discursos laudatórios também estavam interligados aos interesses do governo estabelecido, no caso, do Estado Novo de Getúlio Vargas. A ideologia do Estado de Vargas e uma representação elaborada sobre o governo, pautada nos direitos trabalhistas “concedidos” para os trabalhadores pelo “pai dos pobres”, condizia com a memória construída em torno da ação política altruísta de Agostini, um dos personagens responsáveis pela mudança do regime escravista para o trabalho livre, concepção sempre vista de cima para baixo.

Segundo Baladan, as homenagens póstumas contidas nos periódicos do século XX e a construção da memória de Agostini como “herói” e mártir da causa abolicionista foram baseadas na descrição presente no primeiro número do mês de setembro da *Revista Illustrada* de 1888. A festa organizada pela Confederação Abolicionista, contou com a presença dos principais representantes políticos envolvidos na aprovação da Lei Áurea e o discurso feito por Joaquim Nabuco naquela noite foi registrado pelo cronista da *Revista*. Em um momento de disputas políticas para definir o principal responsável pela abolição, Nabuco destacou em sua fala, a importância das caricaturas de Agostini para a consolidação do projeto abolicionista, “cujo lápis dera corpo e vida”. Porém, Antonio Bento foi o principal homenageado do banquete e a ênfase no trabalho do piemontês demonstra a estratégia de Nabuco em deixar no segundo plano o maior representante da facção política dos caifazes. Dessa forma, a utilização posterior do discurso de Nabuco fora

de seu contexto permitiu o desenvolvimento exacerbado da imagem de Agostini em prol da abolição da escravidão.

Do mesmo modo, Gilberto Oliveira discorreu sobre a trajetória jornalística de Agostini durante o período de 1864 e 1908, destacando as mudanças técnicas e gráficas da imprensa que transformaram uma atividade ligada a pequenos grupos e com um alcance restrito e efêmero em um empreendimento comercial para as massas. O autor também analisou a qual grupo político Agostini estava vinculado, estabelecendo uma relação entre as caricaturas produzidas nos periódicos e os setores “para quem foram feitas”<sup>5</sup>.

Gallotta, por outro lado, investigou a formação da imprensa humorística em São Paulo, não restringindo o seu trabalho apenas nas obras de Angelo Agostini na capital da província. Porém, o seu trabalho contribuiu para compreendermos as transformações sofridas pela imprensa a partir da segunda metade do século XIX, destacando em sua pesquisa as mudanças econômicas que estimularam esse processo<sup>6</sup>.

Carlos Costa também dedicou o seu trabalho para analisar o desenvolvimento da imprensa no Brasil oitocentista, abordando a formação do público-leitor ao longo do século XIX. Durante a análise do surgimento da imprensa ilustrada, o autor discutiu a importância das caricaturas de Agostini, principalmente no período da *Revista Ilustrada*. Porém, é válido demarcar uma diferença entre Costa e os demais autores citados até então. Costa equiparou o surgimento do *Diabo Coxo* com os pasquins da época<sup>7</sup>, mas como Sodré aponta, os pasquins em regra geral, possuíam quatro páginas em formato in-4º, com preço de venda avulsa de 40 réis. Em sua maioria, os autores eram anônimos e utilizavam uma linguagem agressiva e chistosa para atacar adversários políticos. Algumas vezes, os pasquins também relatavam acontecimentos ocorridos no âmbito privado e transformava-os em assuntos públicos para atingir a reputação da oposição. Por ter como finalidade ofender figuras públicas, não condizia com o interesse dos redatores o retorno financeiro gasto na produção da folha, mas sim mobilizar a opinião pública a partir das

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. São Paulo, 2006. 335 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>6</sup> GALLOTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876**. São Paulo, 2006. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, 2006.

<sup>7</sup> COSTA, Carlos R. da. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo, 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2007.

denúncias levantadas contra a oposição<sup>8</sup>. No entanto, o *Diabo Coxo* possuía as mesmas características das demais revistas ilustradas da época, com cada número composto por oito páginas, sendo quatro ilustradas e quatro escritas. Em suas críticas, o *Diabo Coxo* utilizou uma linguagem satírica, mas nunca de uma forma ofensiva e pessoal. Por isso, o *Diabo Coxo* não se enquadra na definição de pasquim.

Contudo, estes estudos aqui elencados, não analisaram as caricaturas como um recurso único de informações e complementar ao do signo escrito do jornal. Em sua maioria, as imagens do periódico foram selecionadas nos trabalhos apenas para ilustrar o que estava sendo escrito anteriormente, sem nenhuma discussão sobre a técnica utilizada na produção da revista ilustrada, dos elementos representados na imagem e, em alguns casos, a imagem nem ao menos foi citada ou descrita pelos autores.

Joly Martine assinala como a mensagem visual produz sentidos, ou seja, exprimem ideias, que são formas de expressões e comunicações de determinados grupos sociais e devem ser interpretados pelo pesquisador na condição de receptor, comparando as significações observadas com outras fontes de época<sup>9</sup>. Dessa forma, a imagem não pode ser incorporada nas pesquisas apenas como forma de ilustração, mantendo a velha concepção positivista de submissão das diferentes fontes ao documento escrito.

---

<sup>8</sup> SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>9</sup> JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.

## BIBLIOGRAFIA

- BALADAN, Marcelo. **Poeta do Lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888**. São Paulo, 2005. 361 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- COSTA, Carlos R. da. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo, 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2007.
- GALLOTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876**. São Paulo, 2006. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, 2006.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: **Ideias de Jeca Tatú**. 4ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951.
- OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. São Paulo, 2006. 335 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2006.
- RIBEIRO, Marcus Tadeu. **Revista Ilustrada – síntese de uma época**. Rio de Janeiro, 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- SILVA, Rosângela de Jesus. **A crítica de arte de Angelo Agostini e a cultura figurativa do final do segundo reinado**. São Paulo, 2005. 333 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.